

PROSTITUIÇÃO PELO PRAZER OU SOBREVIVÊNCIA? Análise das vivências de prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas no interior do Nordeste

LUANA MARIA SILVA DO NASCIMENTO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI)

ELANE DOS SANTOS SILVA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI)

MARCOS ANTONIO CAVALCANTE DE OLIVEIRA JÚNIOR

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI)

LINNIK ISRAEL LIMA TEIXEIRA

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEA

RAFAEL FERNANDES DE MESQUITA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI)

PROSTITUIÇÃO PELO PRAZER OU SOBREVIVÊNCIA? Análise das vivências de prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas no interior do Nordeste

1 INTRODUÇÃO

A prostituição é compreendida como uma prática de troca de dinheiro, bens ou favores por sexo (PAIVA *et al.*, 2020). Sua origem vem do latim *prosto*, que quer dizer “estar às vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público” (DE FRANÇA, 2012, p. 145). Sua história é antiga e há registros milenares da atividade que, ao longo do desenvolvimento de diversas civilizações, já passou por perseguições religiosas, foi denominada como vetor de infecções sexualmente transmissíveis (IST), até chegar à contemporaneidade como um trabalho a ser reconhecido e registrado como legal (PAIVA *et al.*, 2020), apesar de ainda permanecer como socialmente marginal.

A despeito das dificuldades laborais, a atividade de prostituição alcança cerca de 40 milhões de pessoas ao redor do mundo, das quais aproximadamente 75% são mulheres, que estão no intervalo de idades entre 13 e 25 anos (MEIHY, 2015). A autonomia, possíveis rendimentos, pagamentos imediatos, tempo livre e flexibilidade de combinação com outras atividades são alguns dos fatores que alimentam a oferta de profissionais do sexo em quaisquer níveis da sociedade (LAINEZ, 2019). Ou seja, existe oferta e procura para o comércio do sexo por diversas e complexas razões (DURANT; COUCH, 2019).

Para Paiva *et al.* (2013), as motivações para a prostituição podem ser associadas à situação socioeconômica, como obtenção de maior remuneração, “trabalho fácil” e temporário e, na maioria das vezes, realizado por mulheres com baixa educação formal e restritas oportunidades de acesso ao mercado formal de ofertas de emprego. Embora seja uma prática antiga, ainda permeiam muitas adversidades em relação ao tema e à atividade, pois o controle social, político, penal e médico a caracterizam como: vadiagem, promiscuidade, ameaça à saúde pública e ao casamento, pecado e doença (MORAES, 2011).

Nesta direção, desde a década de 1980 há esforços no sentido de compreender a atividade, suas condições de trabalho e os indivíduos que trabalham com o sexo (CERQUEIRA; MISOCZKY, 2021). No entanto, o interesse na temática em estudos na área tem sido pequeno (HEARN; HOLGERSSON; JYRKINEN, 2015). Trabalhos brasileiros que buscaram esta compreensão, situam suas atividades de pesquisas em capitais e regiões metropolitanas (PAIVA *et al.*, 2020; PEREIRA *et al.*, 2018; SILVA; CAPPELLE, 2017; SILVA; CAPPELLE, 2015), o que destaca o potencial da investigação em contextos empíricos em regiões afastadas dos centros urbanos.

A partir desse breve enquadramento, tem-se o seguinte problema a ser pesquisado: quais são os sentidos atribuídos ao trabalho por prostitutas que atuam no interior de um estado do nordeste? Objetiva-se investigar as percepções de prazer e sofrimento de mulheres prostitutas no que tange ao trabalho que desempenham e, especificamente: identificar os motivos pelos quais as prostitutas buscam a profissão; relacionar as prazeres e sofrimentos da profissão em seu contexto social e familiar e relatar os seus anseios com relação à profissão de prostituta bem como seus desejos para o futuro a partir de suas vivências.

2 TRABALHO E PROSTITUIÇÃO

Forno (2015) define o trabalho como uma necessidade para a formação social do indivíduo e tem sentido crítico pelo desafio de estes terem de enfrentar realidades criativamente. Para o contexto social brasileiro, o trabalho vai além da definição citada, ele faz distinção do “marginal” para o “cidadão” (VERIGUINE; BASSO; SOARES, 2014). Em decorrência do

desemprego, as pessoas valorizam cada vez mais o emprego, principalmente pela discriminação social, devido a imposição de desqualificação, incapacidade e marginalização à pessoa desempregada. Se percebe desta forma que o trabalho influi em dimensões psicológicas na vida do trabalhador, afetando suas percepções e a si próprio dentro da sociedade (SILVA, 2017).

Neste sentido, conforme Assis e Macedo (2008) e Codo *et al.* (2004), o trabalho constrói a identidade das pessoas e as inclui na sociedade, interferindo nas vidas pelas relações diárias em uma tríplice harmonia identidade-trabalho-relações sociais. A remuneração pela atividade laboral baseia-se no pagamento por alguma atividade corporal, física ou mental, mas há profissões que carregam estigmas, como a prostituição. Isso se dá através de reações sociais de preconceito e discriminação, que podem ser modificadas quando costumes são mudados (NUSSBAUM, 2002).

A prostituição é entendida, segundo Oliveira (2017), por, pelo menos, três vertentes principais que são: abolicionismo (exploração sexual, escravidão), regulamentarista (trabalho como qualquer outro e que inclusive deve ser regulamentado, fiscalizado e taxado pelo Estado) e o proibicionismo (concepção moralista, que inclusive proíbe este tipo de atividade). A prostituição no Brasil remonta desde o período escravocrata, onde as escravas, na maioria negras, eram prostituídas. O assunto se tornou de domínio público de debate quando médicos começaram a relatar que mulheres brancas de origem europeias e sem conhecimento algum sobre a língua e a cultura brasileira passaram a vir para o Brasil e eram obrigadas a se prostituírem (PEREIRA, 2005). Bonifácio (2016) relata que, para entender o contexto de prostituição no Brasil, é preciso olhar para duas facetas do trabalho da mulher: dona de casa (tradicionalismo) e a outra como integrante da rua e do espaço público (mulher não controlada, e compreendida como espiritualmente maliciosa e destruidora).

Meis (2011) relata que a mulher, ao se tornar prostituta, rompe com a ideia de lar ideal, mesmo sem querer, entendendo que no contexto histórico ela acredita estar passando por dificuldades e transição, e que isso acarreta sentimentos de abandono, rejeição e auto desprezo. Neste sentido, a forma como essas mulheres são vistas interfere diretamente em seu modo de viver, seja em suas relações íntimas e sociais, seja na busca por trabalhos formais e acessos à saúde (GUIMARÃES, MERCHÁN-HAMANN, 2005).

Segundo Rodrigues (2009), a expressão “profissional do sexo” surgiu em meados de 1970 para designar as pessoas que se prostituem. Já em meados dos anos 1990 houve reivindicações de organizações de prostitutas que buscavam políticas públicas que favorecessem direitos sociais de cidadania e reconhecimento da prostituição como profissão. Estas organizações surgiram motivadas pela forte repressão e violência policial que as prostitutas sofrem. A prostituição, além de ser marginalizada, ainda leva consigo a atribuição social de riscos de contaminação por ISTs, violência, seja física ou moral por parte dos clientes, tráfico, roubos, abusos etc. (BARROS, 2005). A profissão de prostituta ainda é vista como um estigma (marca), desqualificada, trazendo em seu sentido registros negativos e deteriorados (GOFFMAN, 1988; BARRETO, 2008). E este processo de estagnação abarca a perenidade do preconceito (GOFFMAN, 1988; BOURDIEU, 1999; RODRIGUES, 2009).

O reconhecimento da prostituição como trabalho no Brasil só foi possível no ano de 2002, quando esta foi inserida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), (BRASIL, 2002). Posteriormente, ao longo dos anos houve algumas solicitações feitas por deputados para melhorias nos textos constitucionais que asseguravam a profissão. Alguns foram efetivos e outros não, tais como o projeto de lei nº 98/2003 feito pelo deputado federal Fernando Gabeira e no ano 2012 a PL4.211/20012, elaborada pelo então deputado Jean Wyllys (OLIVEIRA, 2017).

2.1 O sexo e a psicodinâmica do trabalho

Segundo Merlo (2009), a introdução da abordagem da psicodinâmica do trabalho trouxe uma nova concepção para o entendimento da relação trabalho e saúde psíquica do trabalho, subsidiando novos estudos e intervindo, tanto teoricamente como metodologicamente. Para Dejours, segundo Dourado *et al.* (2009) a psicodinâmica do trabalho afirma que o trabalho deve ter sentido tanto para o trabalhador como para o cliente e a sociedade.

A psicodinâmica do trabalho destaca a clínica como sendo o modo de construção do conhecimento, bem como sua interpretação e análise do trabalho (MENDES, 2007). Esta dinâmica recruta o trabalhador, estabelecendo relações mais efetivas na construção da identidade (MENDES, 2004). Além de permear a procura de prazer e defesa diante do sofrimento no trabalho, entendendo o comportamento do trabalhador diante das adversidades, fazendo uso de subjetividade e inteligência e, assim, superar as dificuldades (DEJOURS, 2005). Segundo Mendes (2007)

É objeto da psicodinâmica do trabalho o estudo das relações dinâmicas entre organização do trabalho, que se manifestam nas vivências de prazer e sofrimento, nas estratégias de ação para mediar contradições da organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento (MENDES, 2007, p. 30).

A psicodinâmica é, do ponto de vista epistemológico, uma teoria crítica do trabalho, que, através de um esquema teórico-metodológico e dialético, indaga a realidade e busca entender o sujeito subjetivo, no que tange às suas relações sociais e sua inserção no contexto organizacional (ROIK, 2009). No que se refere ao sofrimento no trabalho, ele não se relaciona como patologia, ou seja, contrário à saúde (CASTRO; CANÇADO, 2009). Porém, a falta de reconhecimento naquilo que se faz como trabalho acarreta sofrimento (DARIO; LOURENÇO, 2018). A estigmatização no trabalho pode desencadear sofrimento, pelo descrédito e inferiorização da função exercida e trazer consequências na vida das pessoas (PAIVA *et al.*, 2020).

A psicodinâmica do trabalho, na fala de Dejours (2015), é elencada por dois elementos importantes para as vivências dos trabalhadores: prazer e sofrimento. Segundo o autor, existem contradições que relacionam satisfação e organização do trabalho, quanto mais rígida for a organização do trabalho, maior será o sofrimento do trabalhador. Em contrapartida, quanto mais o trabalhador se sentir bem naquilo que faz, maior será o seu prazer na função. Neste sentido, quando se fala em trabalho sexual é comum a associação ao sofrimento, mas é a partir do diálogo que também se salienta a questão de prazer, identificando-o (BARRETO, 2008). Ainda sobre trabalho na prostituição, os profissionais convivem com problemas morais, anonimato e, em algumas vezes, a duplicidade de vida na tentativa de sofrer menos (WEITZER, 2018). Esta pressão pela sociedade pode gerar ao profissional do sexo o isolamento, não aceitação e sentimentos deploráveis de culpa e vergonha (SANDERS, 2018).

Em geral, existem duas classes de prostitutas: as de “luxo” e as de “baixo meretrício”, que se distinguem, principalmente, em termos de classe e condições de trabalho (MOREIRA, 2009). No entanto, Ceccareli (2008) relata que as diferenças não são apenas estas, mais superficiais de percepção, mas se estendem à forma como elas entendem suas atividades subjetivamente e, a partir daí, formam suas identidades.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracterizou-se como qualitativo-descritivo, pois aborda as percepções das prostitutas em relação às suas vivências no trabalho, tendo como panorama de coleta de dados uma pesquisa de campo realizada por contatos via WhatsApp, respeitando as normas distanciamento social durante a pandemia da COVID 19. A metodologia qualitativa para Minayo (2013), é o método que é aplicado no estudo da história, relações, crenças, percepções e opiniões, bem como na compreensão da construção de si mesmo, de como se sente e pensa. Objetiva-se, com isso, a compreensão aprofundada de fenômenos que envolvem o indivíduo e

o social. A pesquisa descritiva constata e avalia relações, à medida que possíveis variáveis se manifestem por fatos, situações e condições existentes (KÖCHE, 2015).

As participantes da pesquisa foram mulheres que se prostituem na cidade de Piripiri, tendo em vista o acesso a esses ambientes e a possibilidade de diálogo. O Município de Piripiri está localizado na Zona Norte do Estado do Piauí, seu acesso se dá pelo entroncamento da BR-343 (Teresina a Parnaíba) e BR 222 (acesso para Fortaleza), e possui uma população de quase 64000 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2021). Concomitante com o crescimento municipal recente, as profissionais do sexo também têm expandido suas atividades. Das nove mulheres contatadas, três aceitaram responder à entrevista.

O instrumento de coleta de dados foi a aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado, de maneira que as entrevistadas pudessem discorrer e verbalizar seus pensamentos, tendências e reflexões (ROSA; ARNOLDI, 2006), sob a ótica da psicodinâmica do trabalho. Para Fontanella e Turato (2008), este tipo de coleta de dados permite, além das questões pré-formuladas, a inclusão de perguntas que pretendem aprofundar uma temática ou objetivo, numa relativa flexibilidade por parte dos investigadores na exploração do fenômeno.

Para compreender as percepções de prazer e sofrimento de mulheres prostitutas, no que tange o trabalho que desempenham, utilizou-se o roteiro semiestruturado com questões temáticas para discussão baseadas no modelo proposto por Paiva *et al.* (2020), com adaptações. Para análise de resultados, categorizou-se as perguntas de acordo com as dimensões do instrumento Inventário sobre o Trabalho e os Riscos de Adoecimento (ITRA), validado por Mendes e Ferreira (2007) com questões que versavam sobre prazer e sofrimento no trabalho, cuidados com a saúde, ação diante de dificuldades e quais as suas perspectivas de vida, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Roteiro de entrevista

Dimensões	Itens	Perguntas
Contexto	Organização do trabalho	Há quanto tempo trabalha como profissional do sexo? Como surgiu a abertura para trabalhar como profissional do sexo?
	Relações Socioprofissionais	Como é a relação com demais prostitutas no ambiente de trabalho? Você trabalha independente ou tem algum tipo de empregador?
	Condições de Trabalho	Como é seu ambiente de trabalho? (Bares, Estradas, casas de Streper) Qual valor cobrado pelo Programa? Como funciona? Seu ambiente de trabalho é seguro? Faz uso de preservativos durante os programas?
Custo	Afetivo Cognitivo Físico	Você gosta desse trabalho? Como você descreve? Qual a memória mais forte que você tem no percurso do seu trabalho? Atributos físicos (cor, estatura, peso) contam na hora do trabalho?
Prazer	Realização Profissional Liberdade de Expressão	Qual sua maior conquista a partir da sua profissão? Existe orgasmo durante os programas? Você se sente livre para manifestar seus anseios? Sente repressão (prisão, freio) por ter escolhido essa profissão? Existe pretensão de mudar de profissão? Se sim, qual seria?
Sofrimento	Esgotamento Profissional	Quais as principais dificuldades a serem enfrentadas no seu trabalho? Em alguma vez se esgotou (físico e/ou emocionalmente)? O que fez para solucionar?
	Falta de Reconhecimento	Como você vê os olhos da sociedade?

Danos	Físicos	Já foi acometida por algum tipo de violência (física ou emocional)?
	Sociais	Durante o programa fazem uso de preservativos? Procuram assistência de saúde?
	Psicológicos	Já foi acometida por alguma IST? Já passou por algum episódio que teve desequilíbrio emocional? Faz uso de algum entorpecente?

Fonte: Adaptado de Paiva *et al.* (2020)

Às participantes desta pesquisa foi apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido que, depois de explicado, tinha seu aceite ou recusa como determinante da continuidade do estudo. As entrevistadas são apresentadas por pseudônimos, para que não sejam identificadas por seus nomes de registro ou apelidos de profissão. Para fins de análise as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas à luz da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), no que tange às três fases: pré-análise, que consistiu na organização dos dados coletados, exploração do material, em que se usou como código os itens das dimensões de prazer e sofrimento dispostos no quadro 1. Por fim, a terceira fase, para o tratamento dos resultados - a interpretação das falas das entrevistadas à luz da teoria e de discussões empíricas de outros estudos, organizadas em ordem e por categorias conforme apresentadas no quadro. Os resultados das análises estão apresentados na seção seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O quadro 2 apresenta essas informações de perfil das participantes.

Quadro 2: Caracterização das Entrevistadas

	E1	E2	E3
Pseudônimo	Ana	Eli	Dinha
Idade	33 anos	19 anos	26 anos
Estado Civil	União Estável	União Estável	União Estável
Filhos	Dois filhos	Um casal	Dois filhos
Naturalidade	Piripiri	Piripiri	Piripiri
Escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental
Religião	Sem religião declarada	Sem religião declarada	Sem religião declarada

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

O Quadro 2 informa que as entrevistadas são mulheres jovens que têm união estável e, quanto ao número de filhos, todas possuem dois. As respondentes possuem formação de ensino fundamental básico e são naturais de Piripiri. Elas relataram não possuir ou participar de alguma religião.

4.1 Dimensão Contexto

Na dimensão ‘Contexto’, em relação ao item de análise ‘Organização do Trabalho’, perguntou-se sobre o tempo de trabalho como profissional do sexo e como surgiu a abertura para trabalhar como profissional do sexo, elas responderam:

Tá com uns três anos. Eu fui porque eu tava precisando. Necessidade. Uma amiga minha indicou um lugar lá pra mim e eu peguei, me arrumei de noite, umas dez horas e fui para lá (ANA).

5 anos. Uma amiga que me levou nesse estabelecimento e gostei e ainda hoje frequento (ELI).

Três anos. Precisei e fui (DINHA).

As três respostas se alinham ao que Souza (2007) diz, em que cada indivíduo tem seus motivos particulares que justificam suas ações, entre eles, o desemprego ou a necessidade de manter uma família com dependentes ou até mesmo por status social. Molina e Kodato (2005) afirmam que o fator mais influente na escolha da prostituição como trabalho são as crises econômicas e sociais, pois a atividade se apresenta como uma forma rápida e eficaz de geração de recursos financeiros.

Sobre o item de análise ‘Relações Socioprofissionais’, perguntou-se: como eram suas relações com as demais prostitutas e se as mesmas trabalhavam de forma independente ou a serviço de alguém:

Cada um tem seu lugar de ficar, não pode ficar junta porque na hora que pára uma pessoa lá, aí a pessoa vai, não pode ir muita gente, só pode ir uma pessoa, por isso que são distantes os lugares, mas não tem briga. Trabalho independente (ANA).

Assim, realmente gosto muito desse ambiente e às vezes tem briga sim, às vezes tem.

E aí, me dou bem. Trabalho independente (ELI).

Normal, pra mim mesmo (DINHA).

Quanto ao item ‘Condições de Trabalho’, relativo ao ambiente de trabalho, este se dá em bares, estradas e casas de *strip*. Também quanto à segurança do lugar, elas relatam a falta de segurança em seus ambientes de trabalho, visto que Ana trabalha na rodovia e se diz exposta a perigos físicos (assédio, roubos, brigas etc.) e também climáticos (frio, chuva, escuridão, etc) o que torna ainda mais árdua a profissão. Já Eli, que embora esteja em lugar protegido estruturalmente (casa de *strip*), se diz acometida por um outro tipo de problema, que são os furtos executados por colegas de profissão nos horários de trabalho, o que traz insegurança e desmotivação. Estes relatos corroboram o estudo de Corrêa *et al.* (2012), que afirmam que a falta de reconhecimento e segurança, provoca nestas profissionais sofrimentos, principalmente associados à insegurança e à falta de respeito.

Observa-se na fala das entrevistadas que, apesar do ambiente de trabalho ser diferente, eles estão relacionados à rua e, mesmo que atualmente a internet possa influenciar e aproximar mais as pessoas e os possíveis clientes, elas ainda trabalham em rodovias e em cabarés. O valor do programa varia muito, com aquelas que se expõem em lugares abertos cobrando um custo mais baixo do que aquelas que as que estão reservadas em espaços fechados à espera de clientes. Além disso, ainda há a exposição às doenças pelo não uso de preservativos. A fim de exemplos, enquanto Ana informa que pode ceder ao uso ou não de preservativos, Eli destaca sua decisão de não realizar o programa sem proteção.

4.2 Dimensão Custo

Quanto à dimensão Custo, no item de análise ‘Afetivo’, foi perguntado se elas gostavam da profissão e como elas descreviam. Ana respondeu que “Eu não gosto, eu trabalho porque eu preciso, porque às vezes a gente não arranja emprego e a gente fica aperreado porque faltam as coisas de casa, aí o lugar é lá. Mas a gente não gosta, não é porque queira”, enquanto Eli comenta apenas que já se acostumou. Percebe-se que, no quesito afetividade, há diferenças no gostar ou não da profissão, enquanto Ana realiza por pura necessidade, Eli diz já ter se acostumado.

Foi perguntado também dentro do item de análise ‘Cognitivo e Físico’, qual a memória mais forte de algo que possa ter acontecido durante o programa e se existem exigências por parte dos clientes na hora da escolha da profissional do sexo (cor, estatura, peso)

Sujeira, é quando vem carro, caminhão, quando para lá e chama a gente e a gente entra dentro do caminhão dele e é sujo véi, com porcaria dentro do carro, não tem higiene dentro do carro, onde acontece o programa. Não aconteceu nada não. Não, eles só fazem o sexo e pronto, não olha quem é não (ANA). Ah, sim, a gente fica triste quando o cliente não valoriza a mulher, às vezes a mulher pede o preço do trabalho, o cliente humilha a gente, a gente fica triste com as palavras de uns clientes, porque nem todos são iguais (ELI).

Quanto ao item ‘Cognitivo’, quando descrevem o ambiente de trabalho, Ana diz que algumas vezes o trabalho é ruim por conta do ambiente (o caminhão) ser ruim, sujo, sem higiene e para ela, isso é uma memória forte. Já a entrevistada Eli relata que a precificação muitas vezes é imposta por alguns clientes e é o que a deixa mais desgostosa com o trabalho, isso gera nela um sentimento de humilhação. Essas duas respostas salientam o sofrimento do trabalho em si, como afirma Dario e Lourenço (2018) que diz que um sujeito quando não reconhecido por aquilo que faz, não alcança sentido em seu trabalho.

Quanto aos atributos físicos, no processo de escolha das profissionais pelos clientes, ambas relataram não haver requisitos para a seleção como aspectos físicos, porém a Eli diz que quando chega mulheres de fora (outras cidades) no cabaré os clientes optam por essas, argumentando serem novidades e a Ana diz que eles só fazem sexo, sem olhar quem são.

4.3 Dimensão Prazer e Sofrimento

Quanto à dimensão ‘Prazer’, no item de análise ‘Realização Profissional’, sobre as conquistas profissionais, foi perguntado se elas já tiveram alguma aquisição relevante a partir da profissão de prostitutas. Eli afirma: “[...]uma televisão, um som, as coisinhas da minha filha quando precisa, um moto, tudo de casa”, enquanto Ana afirma não ter conquistado nada. Observa-se nos relatos, as diferenças das respostas justamente pelo valor que cada uma dá para seu serviço. Ana relatou que não houveram conquistas e que o seu trabalho é só pelas necessidades fisiológicas (comida), diferentemente de Eli, que teve muitas conquistas justamente pelo valor que dá ao trabalho. Esse pensamento corrobora com Souza (2007) que diz que cada indivíduo tem seus motivos particulares e que se encaixa tanto nas necessidades básicas como também nas conquistas que melhoram sua posição.

Foi perguntado a elas se existe orgasmo durante os programas, e ambas responderam enfaticamente que são profissionais e que só os clientes se satisfazem: “Só ele sente, a gente faz mesmo porque precisa. A gente nem gosta” (Ana) e Eli afirmou: “Sou profissional, não sinto prazer com cliente não”. Conforme Paiva *et al.* (2020) afirma nesse ambiente, os corpos são privados de serem os sujeitos, tornando-se mercadorias a serem vendidas e usufruídas somente, visto que não se espera o processo de relação social a partir do programa sexual.

Sobre o item ‘Liberdade de Expressão’ na forma de viver e demonstrar quem elas são, elas foram instigadas a relatar sobre como se sentem (livres ou presas) em relação ao trabalho. Ana diz que “se sente envergonhada, pelas pessoas pensarem mal de mim e ficam falando, porque se a pessoa soubesse uma coisa dessa aí, aí fica falando para um e para outro”, já Eli diz não ter problemas em manifestar seus anseios. Esses sentimentos ambíguos das respostas estão em consonância com Ceccareli (2008) que relata que as diferenças não são somente essas, mas que cada uma entende sua atividade subjetivamente e a partir daí formam suas identidades. Embora elas tenham noção de suas funções, ambas concordam no desejo de mudar de profissão, salientando como alternativa o trabalho doméstico, no caso Eli, já Ana mudaria para qualquer outra profissão (faxineira, doméstica, cuidadora de idosos).

Na dimensão ‘Sofrimento’, perguntou-se quais eram suas maiores dificuldades como profissionais do sexo:

A dificuldade que eu enfrentei foi de eu falei, de tá naquele lugar, deixar os filhos em casa ou com alguma outra pessoa, porque quando eu ia fazer , quando eu ia para lá,

eu pagava um rapaz para ficar com meus filhos, pagava dez reais a ele, para eu poder ir fazer meu programa, para eu pegar em dinheiro, para comprar as coisas para eles comer, porque quando a gente tem filho, a gente não quer ver eles passando fome quando não tem nada. O que acontece é que a gente tem que se prostituir (ANA).
É quando a gente pede o preço do trabalho e o cliente que dá outro preço mais baixos (ELI).

Conforme Paiva *et al.* (2020) a estigmatização do trabalho pode trazer sofrimento, por causa do descrédito e da inferiorização da atividade realizada. No caso de Ana é o desligamento familiar com os filhos durante o período noturno para trabalhar, o que acarreta em sofrimento como consequência do que ela faz para sobreviver. Já Eli, sente dificuldade pelo fato da inferiorização da atividade, visto que seus clientes querem diminuir o valor pago pelo seu trabalho, faltando o reconhecimento pela profissão.

Quanto ao item ‘Esgotamento Físico e Emocional’, quando perguntado o que elas fazem para dirimir o cansaço físico e emocional, somente Ana relatou que alguma vez fez uso de bebidas alcoólicas: “*Tomei bebida para criar forças para ir*”. Como afirma Guimarães e Bruns (2008) que as profissionais do sexo desenvolvem estratégias para suportarem suas próprias atividades, o que corresponde a uma alienação das suas emoções e até mesmo da sua própria consciência. Quanto ao uso de entorpecentes, ambas relataram fazer uso, sendo Ana de bebidas e Eli de bebidas e cigarro.

4.4 Dimensão Danos

Em relação a dimensão ‘Danos’, foi questionado se alguma vez elas foram acometidas por algum tipo de violência, sendo esta física ou emocional, as entrevistadas relataram:

Já, quando o homem me bateu, eu tive que ficar calada se não ele ia me matar (ANA).
Já, assim como lhe falei as vezes eu to na mesa e o cliente chega e ai eu dô tanto ai eu falo assim: olha fica com esse dinheiro no seu bolso que eu não quero, eu to aqui mas também não é para ser rebaixada não. Ai o cliente fala, mulher como tu não é para tá em boate, cabaré. E eu fico na minha, entendeu? não vou discutir, às vezes o cliente acha ruim porque a gente não quer aquele preço que ele quer dá para a mulher, entendeu? (ELI).

Para lidar com tais prerrogativas de violência ambas tiveram que tomar posições defensivas a fim de se livrarem da situação, em ambos o silêncio foi a estratégia, no caso de Ana violência física, correndo o risco de morte, enquanto Eli relata violência emocional. E isso corrobora com a fala de Paiva *et al.* (2020) em que diz que as profissionais do sexo se utilizam de diversas estratégias, cuja função principal reside na tentativa de atenuar e/ou evitar o sofrimento.

Quanto aos fatores de segurança contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), sobre o uso de preservativos, as respostas foram de acordo com a suas percepções e necessidades, levando em consideração a melhor forma para cada uma, as mesmas relataram:

Só quando o homem quer, quando o homem não quer, não tem uso do preservativo, depende dele (ANA).

Não, nunca. Mas sempre faço exame. Eu me cuido bastante. Às vezes eu perco muito programa, porque eu só trabalho com camisinha. Tem uns que gostam sem preservativo e eu já falo logo. Eu não aceito ficar com cliente sem preservativo, aí às vezes eles vai pega outra, às vezes eu perco muito assim. Mas eu prefiro perder do que eu arriscar minha vida não é verdade (ELI).

No que tange a necessidade, Ana revelou que o uso de preservativo fica a critério do cliente, mas que não foi acometida por nenhum tipo de IST mesmo que sendo sem proteção. Já Eli salientou que só faz o programa se for com uso de preservativo e que por causa dessa imposição dela mesma já chegou a perder vários clientes que não aceitam fazer o programa com o uso de camisinha. Ela também relatou que constantemente busca ajuda médica e faz exames. Nisto é possível perceber as profissionais do sexo encontram dificuldades para

negociar com seus clientes o uso de preservativos, segundo Couto (2005) em quase todos os casos o uso de preservativos está diretamente ligado a desconfiança entre os parceiros.

No contexto de 'Danos Psicológicos', foi perguntado se houve algum episódio de desequilíbrio emocional, e somente Ana relatou ter sentido isso, conforme sua fala: "Já, na hora lá que a pessoa tá sentindo relação, senti dor no útero. Eu falei para ele que tava sentindo dor aí pegou e nós paremos. Aí ele pagou mais pouco, não foi o tanto que era para ser". Conforme Duarte (2009) o dinheiro é trocado por sexo, mostrando a superioridade do pagador ao recebedor, estando o segundo subordinado ao primeiro, e isto demonstra a fragilidade emocional de Ana ao sentir dor durante o ato sexual e mesmo assim ainda ser menos remunerada pelo fato do cliente não ter se satisfeito completamente durante a relação.

Findada a entrevista, foi solicitado a elas que fizessem um relato aberto além do que fora estabelecido na pesquisa:

Quando chega os clientes a gente vai onde ele tá no carro dele e pergunta quanto é o programa, aí a gente fala para ele, ai fica acertado. Mas as vezes quando é carro grande e ele diz que não tem, mas é o jeito a gente ir por R\$ 30,00 (se vender por trinta reais) (ANA)

Porque assim, eu to até pensando de viajar o final do ano, para eu construir uma nova vida, eu penso em sair desse trabalho. Assim, sobre a minha profissão, às vezes eu venho e tem dia que dá alguma coisa e tem dia que não dá, é assim. Tem dia que a gente fica sentado e não leva nenhum tostão para casa, é tipo um jogo tem dia que dá e tem dia que não dá e é assim. Ontem eu fui com um cliente pro quarto, botei minha máscara porque tenho uma criança novinha e aí eu tenho muito medo de pegar essa doença, aí eu botei minha máscara e o cliente chegou para mim e falou: Olhe se você não tirar a máscara eu não vou ficar com você, eu disse pois olha eu não vou tirar e você vai ficar com outra pessoa porque eu não tiro essa máscara por nada nessa vida nesse trabalho, até que em casa eu tiro, mas nesse trabalho eu não tiro minha máscara por nada. Ai tem cliente que chega aqui e me procura, ai tem uma menina que trabalha aqui que não gosta, tem inveja, a gente ganha muito dinheiro, ela cresce o olho, arruma intriga, arruma fofoca. Entendeu (ELI).

Observando o relato de Ana podemos ver a diversidade de preços de acordo com o perfil do cliente, mas que é possível barganhar o valor para menos, o que causa um sentimento de depreciação, "ter que se vender por menos". Em conformidade com a fala de Durant e Couch (2019) o homem enxerga a prostituição como uma transação econômica sexual, abordando a profissional do sexo de modo comercial, negociando e pagando como se fosse realmente produto e produção (mulher e prazer).

Quando elas falam sobre a previsão de mudança de vida fica sempre para o futuro, pois a necessidade hoje faz a realidade. O relato de Eli vai de acordo com o que Paiva *et al.* (2020) afirma, em que a visão de possíveis oportunidades de trabalho no futuro são estratégias para lidar e amenizar as vivências de sofrimento sentidas no trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito ouvir algumas profissionais do sexo no que tange aos sentimentos de prazer e sofrimento, seu ambiente de trabalho, suas relações e anseios e identificar, através de suas falas, seus anseios com relação à profissão bem como seus desejos para o futuro a partir de suas vivências. Por meio das respostas às entrevistas foi possível compreender estes elementos da vida na prostituição.

Foi possível observar que a falta de dinheiro e oportunidades são os principais fatores que as levam a escolher a atividade e permanecer na prostituição. Observou-se que essas mulheres trabalham para sobreviver e manter suas famílias, são oprimidas e estigmatizadas, em um ambiente onde o sofrimento se destaca, acompanhado do desejo de mudarem de vida. O prazer só é identificado junto à questão financeira, quando se alcança condições para manter e

suprirem suas necessidades sociais e familiares. O que não acontece todos os dias pela falta de clientes.

A pesquisa limitou-se pela dificuldade em conseguir convencer as profissionais a participarem das entrevistas. A negação é atribuída, principalmente, à não aceitação da profissão que exercem e bem como suas exposições por medo de serem identificadas. Contudo, este trabalho demonstra uma compreensão de um tema ainda pouco abordado na literatura acadêmica e marginalizado pela sociedade, mas que permite entender o sentido do trabalho para esses profissionais. Para pesquisas futuras, propõe-se um estudo mais detalhado do assunto, bem como entrevistar profissionais de gênero masculino ou mulheres transgêneras que atuam como profissionais do sexo nesses lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, D. T. F.; MACEDO, K. B. Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. **Revista psicologia e sociedade**, 20, 117-124, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, L. C. **Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte**. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BARROS, L. A. Ma riposas que trabalham: uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. **Jus Navigandi**, v. 8, n. 1, p. 1-38, 2005.

BONIFÁCIO, D.; PEREIRA, D.; TULIO, R. D. Mulheres profissionais do sexo e o consumo excessivo de álcool. **Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho**, 19(1), 29-43, 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 1. ed. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A., 1999.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2002.

CASTRO, P. M; CANÇADO, V. L. Prazer e sofrimento no trabalho: A vivência de profissionais de recursos humanos. **Gestão & Planejamento**, 10(1), 19-37, 2009.

CECCARELI, P. R. Prostituição-Corpo como mercadoria. **Mente & cérebro-sexo**, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2008.

CERQUEIRA, P. R.; MISOCZKY, M. C. O TEMA DA PROSTITUIÇÃO EM PUBLICAÇÕES RELACIONADAS COM OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS1. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 27, p. 66-92, 2021.

CODO, W.; MENEZES, I. V.; TAVARES, M.; LIMA, M. E. A.; DINIZ, G. **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petropolis, RJ: Vozes, 2004.

CORRÊA, W. H.; HOLANDA, A. F. Prostituição e sentido de vida. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2012.

COUTO, M. T. **Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina**. / Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo e Carlos E. A. Coimbra Júnior. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

DARIO, V. C.; LOURENÇO, M. L. Cultura organizacional e vivências de prazer e sofrimento no trabalho: um estudo com professores de instituições federais de ensino superior. **Revista Organizações em Contexto**, 14(27), 345-395. doi: 10.15603/1982-8756/roc.v14n27p345-395, 2018.

DE FRANÇA, G. V. Prostituição: um enfoque políticossocial. **Femina**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 145-148, 2012. Disponível em: < <http://www.derechoycambiosocial.com>

DEJOURS, C. (1994). **A carga psíquica do trabalho**. In C. Dejours, E Dejours, C. (2005).

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In J. F. Chanlat (Org.) **O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas** (p. 149-173). São Paulo, SP: Atlas, 1996.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 6ª ed.). São Paulo: Cortez, 2015.

DOURADO, D P.; HOLANDA, L.A; SILVA, M. M. M; BISPO, D. A. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cadernos Ebape**. BR, v. 7, p. 349-367, 2009.

DUARTE, B. N. Turismo e relações sociais de sexo. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 9, n. 2, 2009.

DURANT, B.; COUCH, J. ‘It’s just more, you know, natural’: The perceptions of men who buy sex in an emerging street sex market. **Sexualities**, 22(3), 310-324, 2019.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008.

FORNO, C. D. A centralidade do sujeito na construção de um trabalho vivo. **SIG Revista de Psicanálise**, 4(6), 139-142, 2015.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: **RAE**, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GUIMARÃES, K.; MERCHÁN-HAMANN, E. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 525-544, 2005.

GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. T. Prostituição de luxo: a vivência sexual das profissionais do sexo. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. p. 1-7. Florianópolis, SC, 2008.

HEARN, J.; HOLGERSSON, C.; JYRKINEN, M. Sexualities and/ in ‘critical’ management studies. In PRASAD, A. et al. (Eds.). **The Routledge companion to critical management studies**. Oxon: Routledge, 2015. p. 124-139.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/piripiri.html>.

LAINEZ, N. Treading water: Street sex workers negotiating frantic presents and speculative futures in the Mekong Delta, Vietnam. **Time & Society**, 28(2), 804-827, 2019.

MEIS, C. Cultura e empowerment: promoção à saúde e prevenção da Aids entre prostitutas no Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16 (1), 1437-1444, 2011.

MENDES, A. M. Cultura organizacional e prazer e sofrimento no trabalho: Uma abordagem psicodinâmica. In A. Tamayo (Ed.), **Cultura e saúde nas organizações** (p. 48-67). Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

MENDES, A M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 29-48.

MENDES, A. M.; FERREIRA, M. C. Inventário sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: MENDES, A. M.(org). **Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MEIHY, J. C. S. B. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. São Paulo, SP: Contexto, 2015.

MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: Teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 12(2),141-156, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOLINA, A. M. R.; KODATO, S. Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes. **Revista Temas em Psicologia da SBP**, v. 13, n. 1, p. 9-17, 2005.

MORAES, A. F. Corpos normalizados, corpos degradados: os direitos humanos e as classificações sobre a prostituição de adultos e jovens. **XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2011.

MOREIRA, R. A. P. R. **Prostituição de Rua: Um problema de saúde pública? Contributos para o seu estudo**. (Dissertação de Mestrado, Medicina Legal). Universidade do Porto, 2009. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7208>.

NUSSBAUM, M. "**Pela razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo**". In: Themis. Direitos sexuais. 1. ed. Porto Alegre: Themis, 2002. p. 13-55.

OLIVEIRA, T. Z.; GUIMARÃES, L. V.; FERREIRA, D. P. Mulher, Prostituta e Prostituição: da História ao Jardim do Éden. **Teoria e Prática em Administração**, v. 7, n. 1, p. 139-169, 2017.

PAIVA, K. C.; PEREIRA, J. R.; GUIMARAES, L. R.; BARBOSA, J. K. D.; SOUSA, C. V. E. MULHERES DE VIDA FÁCIL? TEMPO, PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE PROSTITUTAS. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 3, p. 208-221, 2020.

PAIVA, L. L.; ARAÚJO, J. L.; NASCIMENTO, E. G. C.; ALCHIERI, J. C. As vivências das profissionais do sexo. **Saúde em Debate**, 37 (98), 467-476, 2013.

PEREIRA, C. S. Lavar, passar e receber visitas. **Cadernos Pagu**. (25), 25-54, 2005.

PEREIRA, J. R. et al. Entre o sagrado e o profano: identidades, paradoxos e ambivalências de prostitutas evangélicas do baixo meretrício de Belo Horizonte. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 391-405, 2020.

PEREIRA, J. R. et al. “O show tem que continuar”: encaixos e percalços do ser/estar prostituta. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 16, n. 3, p. 151-180, 12 dez. 2018.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa / José Carlos Köche. 34. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer. **Revista Katálysis**, 12(1), 68-76, 2009.

ROIK, A.; PILLATI, L. A. Psicodinâmica do trabalho: uma perspectiva teórica. **XXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção- Enegep**, 2009.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANDERS, T. (2018). Unpacking the process of destigmatization of sex work/ers: Response to Weitzer ‘Resistance to sex work stigma’. **Sexualities**, 21(5-6), 736-739, 2018.

SILVA, K.; CAPPELLE, M. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 16, n. 6, p. 19-47, 2015.

SILVA, K.; CAPPELLE, M. O trabalho na prostituição de luxo: análise dos sentidos produzidos por prostitutas em Belo Horizonte - MG. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, v. 11, n. esp., p. 23-39, 2017.

SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A. O Trabalho na Prostituição de Luxo: Análise dos Sentidos Produzidos por Prostitutas em Belo Horizonte – MG. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 11, n. Ed. Especial, p. 23-39, 2017.

SILVA, P. **Vocabulário Jurídico**, 27ª ed., Rio de Janeiro, Forense, 2007, p 1.131.

SOUZA, F. R. **Saberes da vida na noite**: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, Brasil. 2007.

VERIGUINE, N. R.; BASSO, C.; SOARES, D. H. P. (2014). Juventude e perspectivas de futuro: A orientação profissional no Programa Primeiro Emprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 34(4), 1032-1044, 2014.

WEITZER, R. Resistance to sex work stigma. **Sexualities**, v. 21, n. 5-6, p. 717-729, 2018.